

ELIYAHU KITOV

**LIVRO DO
CONHECIMENTO
JUDAICO**

O ANO HEBREU E SEUS DIAS SIGNIFICATIVOS

ספר התודעה

**Tradução
Gilberto Bande**



Título original em hebraico:

SÊFER HATODAÁ - ספר התודעה

Copyright 1968, 1988, 1997 © by Yad Eliyahu Kitov

Título em inglês:

THE BOOK OF OUR HERITAGE

Traduzido por Nachman Bulman

Revisado e adaptado por Dovid Lendesman e Joyce Bennet

Publicado pela Feldheim Publishers, Jerusalém, Israel

Direitos exclusivos de edição desta obra em língua portuguesa adquiridos pela

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

Telefone: 3826-1366 Fax: 3826-4508

www.sefer.com.br sefer@sefer.com.br

Tradução	Gilberto Bande
Revisão	Iossi Katri
Edição Final	Jairo Fridlin
Projeto Gráfico	Ilana Fridlin Sobel
Editores Eletrônica	Editora Sêfer
Capa	Dagui Design
Impressão	Paulus Gráfica
Imagem da capa	Sabina Lowenthal, a quem agradecemos pela generosidade

Os textos bíblicos citados nesta obra foram extraídos da BÍBLIA HEBRAICA,
de David Gorodovits e Jairo Fridlin (Editora Sêfer).

Nota: Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se
o "CH" para o som de RR, como caRRo em português.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio,
sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer.

2017

ISBN 978-85-7931-063-8

Printed in Brazil

Sobre o autor



O Rabino Avraham Eliyahu Kitov (Mokotovsky) – de abençoada memória – nasceu em Varsóvia, capital da Polônia, em 5672 (1912). Ele passou a infância e a juventude numa pequena cidade próxima, estudando no *cheder* (escola elementar) e posteriormente no *bet midrash* (casa de estudos). No entanto, o principal de sua educação judaica ele aprendeu de seu pai, o R. Michael – de abençoada memória –, cujas raízes chassídicas e modo de vida influíram enormemente no desenvolvimento de seu caráter. Aos 17 anos, ele retornou a Varsóvia e passou o tempo trabalhando, estudando Torá no *bet midrash* e envolvendo-se ativamente na *Agudat Yisrael* (entidade judaica que representava e apoiava as comunidades ortodoxas polonesas), especialmente no campo da educação judaica. Durante esse período, ministrou aulas regulares de Talmud, *Tanach* e pensamento judaico, além de lecionar voluntariamente em instituições seculares para crianças judias desabrigadas.

Em 1936, ele emigrou para *Érets Yisrael* e encontrou emprego no setor da construção. Junto com colegas, fundou o sindicato *Poalei Agudat Yisrael (Pagi)*, que cuidou com sucesso dos interesses dos trabalhadores religiosos; ele também criou cooperativas de trabalhadores da indústria e da construção. Nos anos que se seguiram, dirigiu uma escola religiosa para meninos, envolveu-se em atividades comunitárias e editou o jornal *Hacól*, onde publicou centenas de artigos sobre os mais variados temas. Nesses primeiros escritos podem ser encontradas as sementes que floresceram nos seus trabalhos posteriores.

Quando Eliyahu Kitov entrou na casa dos 40, decidiu dedicar-se seriamente à escrita. Suas quatro décadas de vida lhe tinham dotado de uma sabedoria sagaz, de um profundo conhecimento da Torá Escrita, da Torá Oral e da filosofia chassídica.

Dois fatores principais o motivaram a deixar de lado outros interesses e dedicar o restante da sua vida à escrita. Ao longo de todos os seus anos adultos, ele fora um educador. Mesmo quando entrou na arena da política e de assuntos públicos, manteve o seu amor inabalável pelo ensino.

Sua outra motivação foi o forte desejo de ultrapassar os limites da sala de aula.

Como um professor poderia ultrapassar os limites da sala de aula? Usando o poder da caneta. Foi então que ele fundou uma pequena editora chamada *Aleph Institute Publications* – hoje em dia *Yad Eliyahu Kitov* – através da qual publicou os livros que foi escrevendo.

De 1955 a 1966, produziu cinco livros modestos sobre o mundo desaparecido dos *chassidím* que ele conheceu tão bem. Nesses livros, os grandes mestres chassídicos de tempos passados saltavam para a vida.

Em 1957, publicou *Ish Ubeito*, traduzido para o inglês sob o título *The Jew and His Home*, um guia judaico para o lar, repleto de costumes e tradições que o povo judeu tem observado ao longo dos séculos.

Em seguida, publicou o *Sefer Hatodaá* em dois volumes, em 1958 e 1961. Uma edição revisada, expandida e anotada foi publicada em três volumes em 1996. Nessa obra, o tema é o calendário judaico. Mês a mês, ela se debruça sobre os dias e as épocas especiais do ano judaico e dá novo significado e riqueza ao seu significado histórico.

Tanto em hebraico quanto em inglês, essa obra popularizou-se tremendamente e tornou-se uma parte essencial das salas de aula e das bibliotecas das famílias. É um tesouro de *halachá*, *agadá* e tradição, um trabalho para ser estudado e saboreado – para ser lido e relido, de novo e de novo, conforme os dias importantes do ano judaico passam e retornam em nossas vidas.

O trabalho derradeiro de Eliyahu Kitov foi o *Sefer Haparshiót*, um comentário amplo e abrangente sobre a Torá. Esse projeto multi-volume é, em essência, uma compilação que mescla literatura midráshica, interpretações dos sábios antigos e fontes chassídicas. Essa obra, que reflete o caráter original do autor, o ocupou durante os últimos anos de sua vida. Ele faleceu no *Shabat*, dia 6 de *Adar* 1 de 5736 (1976).

לעלוי נשמת המחבר

הרב אברהם אליהו בן ר' מיכאל זצ"ל

במליאת ארבעים שנה לפטירתו

.ת.נ.צ.ב.ה.

*“Ah! Como são por mim amados Teus mandamentos!
Eles são permanentemente o tema de minha meditação.”
(Salmos 119:97)*

Introdução do autor à primeira edição em inglês

Ao escrever em hebraico o *Sefer Hatodaá* tive como objetivo auxiliar os professores de estudos judaicos nas escolas israelenses. Eu procurei transmitir conceitos gerais a respeito dos vastos tesouros espirituais inerentes às festas e datas significativas judaicas, bem como mostrar detalhes de leis e saberes, de usos e costumes e de ideias – com base em fontes autênticas e apresentado em um estilo moderno e fácil. A minha intenção, portanto, foi de aliviar a carga dos professores na coleta de material e facilitar a compreensão dos alunos.

Quando o livro foi concluído, há cerca de oito anos [em 1960], eu não podia antecipar o grande interesse que viria a despertar no mais diversificado público judaico. No entanto, logo percebi, para minha surpresa, que muitos grupos e indivíduos em Israel e na maioria dos países da diáspora consideraram o livro esclarecedor e profícuo. O *Sefer Hatodaá*, que surgiu em silêncio, sem nenhuma publicidade, logo passou a fazer parte de muitos milhares de lares judaicos e tornou-se um guia e livro de referência para pais e filhos, professores e alunos, rabinos e membros das congregações.

Nos últimos tempos, muitas pessoas que vivem fora de Israel, especialmente nos Estados Unidos e em outros países de língua inglesa, pleitearam por uma versão dessa obra em inglês. Essa demanda resultou na edição em inglês que os editores agora apresentam ao público judeu do mundo inteiro.

Traduzir o *Sefer Hatodaá* foi uma tarefa muito complexa devido ao caráter especial do livro e ao seu estilo único. A intenção era criar uma obra judaica tradicional que fosse ao mesmo tempo uma publicação de leitura popular. Essa meta foi difícil de atingir até mesmo no original em hebraico, mais ainda quando procuramos converter todo esse material judaico específico para um idioma muito novo e estranho à sua cultura, psicologia e valores.

A variedade de títulos de temática judaica em inglês tem crescido muito, tanto traduções de fontes hebraicas clássicas quanto escritos originais. No entanto, ainda é muito difícil mesclar o sabor novo com o gosto antigo.

O Rabino Nachman Bulman, que tomou sobre si a realização dessa tarefa quase impossível, demonstrou uma grande dose de engenhosidade e sagacidade ao harmonizar o antigo com o novo. O seu objetivo principal foi manter o caráter tradicional do livro e, ao mesmo tempo, torná-lo um texto agradável de ser lido, fazendo com que cada ponto abstrato ou técnico pudesse ser compreendido facilmente por todos. Deixo aqui os meus cumprimentos e o meu profundo reconhecimento.

O Rabino Bulman já foi muito elogiado pela sua tradução para o inglês do meu livro anterior, *Ish Ubeitó* sob o título *The Jew and His Home*. No presente trabalho, ele certamente superou a si mesmo. Estou certo de que o leitor compartilhará do meu sentimento de gratidão pelos seus esforços.

Devo também mencionar os meus agradecimentos ao Sr. Tzvi Kitov e à Sra. Ester Karno por ajudarem a editar e preparar o texto para ser publicado.

É preciso salientar que, apesar de todos os esforços envolvidos, o trabalho não ficou perfeito. Um leitor que não estiver familiarizado com os clássicos judaicos poderá encontrar dificuldades na compreensão dos conceitos hebraicos abundantemente citados. Para facilitar o entendimento, acrescentamos um glossário no final [da edição em inglês].

Tenho também a obrigação de pedir aos leitores que não considerem esta como uma obra definitiva de lei religiosa. A intenção deste livro é apenas oferecer uma noção geral da *halachá*. Questões práticas específicas devem ser formuladas a um rabino.

Já que o meu principal objetivo ao escrever este *Sefer Hatodaá* foi *lezacót et harabím* (causar mérito ao público), considero uma obrigação agradável compartilhar desse mérito com o Sr. Abraham Parshan, de Toronto, Canadá, que me concedeu uma contribuição inestimável e vital para a materialização dessa ideia. “Abençoa, ó Eterno, seus bens, e o sacrifício de suas mãos recebe com agrado” (Deuteronomio 33:11).

Um profundo agradecimento é devido também ao Sr. Charles Batt, de Hartford, Connecticut, cuja orientação e assessoramento foram encorajadores e úteis.

Eliyahu Kitov

Jerusalém, *Siván* de 5728 (Junho de 1968)

LEGENDA

- ❖ Este símbolo indica uma *halachá* – um preceito da Torá ou uma lei rabínica.
- ☆ Este símbolo indica um *min'hág* – um costume praticado em muitos lares ou em diversas comunidades judaicas.

OBSERVAÇÃO

O presente volume inclui uma argumentação a respeito das datas de 5 e 28 de *Iyar*, que foi acrescentada pelo autor à edição em inglês do *Sefer Hatodaá*, tendo sido traduzida para o inglês por Tzvi Kitov.

Esse texto não faz parte da edição original em hebraico.

Índice



1. Rosh Hashaná

- 21 O mês de *Tishrei*
- 22 O 1º de *Tishrei*
- 22 Dia de ocultação
- 23 Dia de começos
- 23 Os dois dias de *Rosh Hashaná*
- 25 O Dia do Julgamento
- 25 Pesando os pecados e os méritos
- 26 O que significa “Dia do Julgamento”?
- 27 Um dia festivo – sem recitação da prece de *Halêl*
- 28 A primeira noite de *Rosh Hashaná*
- 29 A leitura da Torá no *Rosh Hashaná*
- 30 O toque do *shofar*
- 31 Escutando o toque do *shofar*
- 32 100 toques
- 32 Como certa vez o Satã foi confundido
- 33 *Shofar* – a última linha de defesa
- ੳੳ As bênçãos sobre os toques do *shofar*
- 35 Versículos que evocam compaixão
- 35 *Shofar* – um meio para refinar as nossas ações
- 36 A proibição de tocar o *shofar* no *Shabat*
- 36 Quando se deve tocar o *shofar*
- 37 Inscreva-nos para a vida
- 37 A prece de *amidá* dos Dias de Reverência
- 39 *Malchuiót, Zichronót* e *Shofarót*
- 39 Dez afirmações, dez mandamentos e dez louvores
- 40 Ele se lembra de tudo o que foi esquecido
- 40 *Rosh Chódesh* não é mencionado

- ξ \ A recitação de *Mussáf* em um momento de compaixão Divina
- 41 O poema litúrgico de *Unetanê tokef*
- 42 *Haiom harát olám*
- 44 Dormir no dia de *Rosh Hashaná*
- 44 *Minchá* e *tashlich*
- 45 O segundo dia de *Rosh Hashaná*
- 45 *Eruv tavshilín*

2. Os Dez Dias de Arrependimento

- 47 *Tsom Guedaliá* – O Jejum de Gedalias
- 48 Entre *Rosh Hashaná* e *Iom Kipur*
- 48 Os Dez Dias de Arrependimento
- 49 Orações dos Dez Dias de Arrependimento
- 50 *Teshuvá* – arrependimento
- 51 Verdade e paz
- 51 As bases do arrependimento
- 52 Abandonando o pecado
- 52 O poder do arrependimento
- 54 Entre o homem e seu semelhante
- 55 Os filhos proporcionam méritos aos pais
- 56 A prece das crianças
- 56 *Shabat Shuvá*
- 57 Retorna, ó Israel

3. Iom Kipur

- 59 O costume de *Caparót*
- 60 As preces da véspera de *Iom Kipur*
- 60 Caridade na véspera de *Iom Kipur*
- 61 Comida na véspera de *Iom Kipur*
- 62 Imersão em um *Micve*
- 62 A refeição que antecede o jejum
- 63 Cinco aflições no *Iom Kipur*
- 63 Reflexões sobre o arrependimento
- 68 Vestir roupas brancas

- 68 *A Tefilá Zacá*
- 69 *Col Nidrê*
- 72 A canção dos anjos — em voz alta
- 72 A confissão no *Iom Kipur*
- 74 Como as cortinas de Salomão
- 74 A leitura da Torá no *Iom Kipur*
- 75 *Yizcor* – o serviço de recordação
- 76 Quem não precisa jejuar
- 77 O serviço no Templo de Jerusalém
- 77 Assistindo ao serviço do sumo sacerdote
- 80 Embora amontoados, eles se prostravam comodamente
- 81 Um relato contemporâneo
- 82 E agora que o Templo de Jerusalém não está mais em pé...
- 83 O nome Divino surge da boca do sumo sacerdote
- 83 Prostrar-se na prece de *alênu* e na confissão
- 84 *Neilá* – o fechamento dos portões

4. Sucót

- 87 Entre *Iom Kipur* e *Sucót*
- 87 A festa de *Sucót*
- 88 O segundo dia de *Iom Tov* celebrado fora da Terra de Israel
- 88 As *mitsvót* da festa
- 90 A *mitsvá* da *sucá*
- 91 *Sucót* e não casas
- 93 *Sucót* em *Tishrei* e não em *Nissán*
- 94 Como nos dias do Êxodo do Egito
- 95 Construindo a *sucá*
- 96 As medidas da *sucá*
- 97 Embelezando a *sucá*
- 98 Estabelecendo a *sucá* como moradia

5. O Primeiro Dia de Sucót

- 101 Acendendo as velas da festa
- 101 As bênçãos da festa
- 102 Ao amparo da fé
- 103 Convidados ilustres
- 104 *Ushpizín* – Os pastores do povo de Israel
- 105 *Ushpizín* – Os pastores do mundo inteiro
- 106 Convidados corpóreos

- 107 Dar aos pobres é dar aos *ushpizín*
- 107 Quatro e quatro
- 107 A fé do rico e e a fé do pobre

6. As Quatro Espécies

- 109 As Quatro Espécies
- 110 Como cumprir a *mitsvá* das Quatro Espécies e que bênçãos recitar
- 111 Embelezando a *mitsvá* das Quatro Espécies
- 114 Quando as Quatro Espécies não devem ser usadas
- 115 *Naanuím*: a movimentação das Quatro Espécies
- 115 Tornando a *mitsvá* preciosa
- 117 Embelezando a *mitsvá* e não a si mesmo
- 118 A maneira adequada de cumprir uma *mitsvá*
- 118 As Quatro Espécies e os quatro tipos de judeus
- 118 “Todos os meus ossos proclamarão”

7. Chol Hamoêd

- 121 *Nissuch hamáim* – a libação da água
- 121 *Simchát Bet Hashoevá*
- 123 Alegria e honra
- 123 A alegria de aderir a Deus
- 125 Os 70 novilhos oferecidos como sacrifícios
- 126 Ismael e Esaú
- 127 “E tu te alegrarás na tua festa”
- 127 A observância de *Iom Tov*
- 129 Alegria espiritual no lugar de alegria física
- 129 Diferenças entre *Shabat* e *Iom Tov*
- 130 *Chol hamoêd*
- 132 O *Shabat* de *chol hamoêd*

8. Hoshaná Rabá e Sheminí Atséret

- 133 *Hoshaná Rabá*
- 134 A essência do dia
- 136 Só preces
- 136 A *Aravá*
- 137 Antes de escurecer
- 137 *Sheminí Atséret*

- 138 Única em seu sacrifício
- 138 A prece pela chuva
- 139 *Guevurót gueshamím*
- 140 *Mashív haruach umoríd haguéshem*
- 140 *Simchat Torá*
- 141 Conclusão da Torá
- 142 Acima do tempo
- 143 Entre Deus e homem
- 143 Costumes
- 144 A Torá sempre nova
- 144 *Isru chag*
- 145 *Bircát Hachódesh* – a bênção do novo mês
- 146 *Shabat Bereshít*

ROSH CHÓDESH

9. Rosh Chódesh

- 149 *Rosh Chódesh*
- 150 Uma lei recebida por Moisés no Sinai
- 151 A primeira consagração
- 152 Este mês será para vós
- 152 Trabalhar no *Rosh Chódesh*
- 153 A observância de *Rosh Chódesh*
- 154 A leitura da Torá e a reza de *Mussáf*
- 154 O cálculo do novilúnio
- 156 O ciclo de 19 anos
- 156 Dois dias de *Rosh Chódesh*
- 157 Meses completos e meses incompletos
- 157 *Rosh Chódesh* e o povo de Israel
- 158 *Iom Kipur Catán*

CHESHVÁN

10. O mês de Cheshván

- 161 O *Rosh Chódesh* do mês de *Cheshván*
- 161 *Mar Cheshván*
- 162 *Kidush Levaná* – a consagração da lua nova
- 163 Dando boas-vindas à *Shechiná*
- 164 Como é feita a consagração da lua nova

- 165 Os jejuns de *Bahab*
- 166 Pedindo chuvas
- 167 Chovendo na hora certa
- 167 Um tesouro aberto
- 169 A fé conduz à fé
- 170 A morte de nossa matriarca Rachel

KISLÊV

11. O mês de Kislêv

- 173 O mês de *Kislêv*
- 173 *Chanucá*
- 174 O que pode ser usado para o acendimento das chamas de *Chanucá*
- 174 Como acender as chamas de *Chanucá*
- 175 Onde devem ser acendidas
- 176 Quando devem ser acendidas
- 177 Quem deve acendê-las
- 177 Outras leis de *Chanucá*
- 178 Costumes de *Chanucá*
- 179 Um dia propício para inauguração e grandeza
- 180 Alusões da Torá à festa de *Chanucá*
- 180 Por que *Chanucá* dura oito dias?
- 182 Pureza em meio à profanação
- 182 Por que o Talmud só menciona o milagre do azeite
- 183 As chamas de *Chanucá* são queridas
- 185 O julgamento Divino não toma partido de ninguém
- 186 A batalha entre pureza e impureza
- 187 O domínio da Grécia
- 188 Quando a beleza se torna desagradável
- 189 O helenismo
- 190 O milagre da rebelião
- 190 Medida por medida
- 191 A diferença entre *Chanucá* e *Purim*
- 193 Reflexões sobre *Chanucá*
- 196 *Zót Chanucá*
- 196 *Chanucá* e *Purim*
- 197 Somos todos iguais em *Chanucá* e *Purim*

TEVÊT

12. O mês de Tevêt

- 201 O mês de *Tevêt*
- 202 Mês de amargura
- 202 A tradução dos setenta
- 202 Um ato de Deus
- 203 Alterações na tradução
- 204 Os seis dias de jejum
- 205 *Assará Betevét* – O dia 10 de *Tevêt*
- 207 Sitiados e correndo perigo
- 207 Jejuar para corrigir os pecados
- 208 Exílio temporário
- 209 Leis do jejum
- 210 Jejuns públicos e jejuns individuais
- 212 Dias em que muitos jejuam
- 213 *Shovavím Tat*

SHEVÁT

13. O mês de Shevát

- 217 O mês de *Shevát*
- 217 *Shabat Shirá*
- 219 O cântico de toda a criação, da boca do povo de Israel
- 219 Gratidão
- 220 *Tu Bishvát*
- 221 Um *Rosh Hashaná* em dia comum
- 222 Orando por um belo *etróg*
- 222 Leis das bênçãos sobre frutas
- 224 As qualidades da Terra de Israel
- 227 Uma terra que emana leite e mel
- 228 Na época da redenção final
- 228 A leitura da Torá
- 229 As “Quatro Porções”
- 229 Intervalos entre as “Quatro Porções”
- 230 *Parashat Shecalím*
- 231 *Shabat Shecalím* na sinagoga
- 231 Antecipando o remédio à doença

- 232 Exatamente meio *shékel*
- 233 Um pequeno resgate por uma enorme expiação
- 234 Uma moeda de fogo
- 235 A unidade de Israel
- 235 O grande desejo de cumprir uma *mitsvá*

ADAR

14. O mês de Adar

- 239 O mês de *Adar*
- 239 Quando o mês de *Adar* começa a alegria se intensifica
- 239 7 de *Adar*
- 240 Esperar pela salvação
- 241 Temer o julgamento Divino
- 241 Seleções do *Midrash* acerca do nascimento de Moisés
- 242 Seleções do *Midrash* acerca da morte de Moisés
- 249 Costumes de 7 de *Adar*
- 249 O alcance do julgamento Divino

15. Amalêc

- 251 *Parashat Zachór*
- 252 Amalêc
- 253 O ódio permanente de Amalêc
- 254 A primeira das nações
- 255 Os primeiros
- 255 “E Amalêc veio”
- 256 A fonte do poder de Amalêc: Refidím
- 259 Idolatria no acampamento de Israel
- 260 “Recorda-te do que te fez Amalêc”
- 261 “Quando o Eterno te der descanso de todos os teus inimigos”
- 261 O ódio como *mitsvá*
- 262 Amalêc nos ensinamentos dos nossos sábios
- 263 O Dia de Trajano

16. Purim

- 265 Dia de mobilização – dia de jejum
- 265 O Jejum de Ester

- 266 O meio *shékel*
 266 O Dia de Nicanor
 267 Os dias de *Purim*
 268 Os preceitos do dia
 268 O *Purim* de três dias
 269 A leitura da *Meguilá*
 270 As bênçãos recitadas sobre a *Meguilá*
 272 Seleção de comentários dos sábios sobre a *Meguilát Ester*
 275 A carta de Haman aos povos
 277 Haman e os estudantes
 277 Três versículos – três guerras
 277 A prece de Mordechai
 278 Os choros dos cordeiros
 278 A prece de Ester
 279 Ester entra no pátio interno
 279 O conselho de Zéresh
 280 A forca de Haman
 280 O rei não conseguiu adormecer
 281 O sonho de Achashverosh e sua interpretação
 285 Banquete e regozijo
 286 O significado do banquete de *Purim*
 287 Até não conseguir diferenciar
 289 Por que nos fantasiemos em *Purim*
 290 *Al Hanissím*
 290 Dar presentes aos pobres – *Matanót Laevioním*
 291 Enviar porções de alimentos — *Mishloach Manót*
 292 Amor e unidade, um escudo contra Amalêc
 292 Humildade e gratidão
 292 Alusões da Torá à festa de *Purim*
 293 *Iom Kipur* — Um dia como *Purim*
 293 *Purim* e a *Meguilá* jamais serão abolidos

17. O Fim do Mês

- 295 A necessidade pública
 296 20 de *Adar*
 298 *Parashat Pará*
 298 A *pará adumá* (vaca vermelha)
 301 Dias de consagração
 301 O segundo *Adar*



NISSÁN



18. O mês de Nissán

- 305 *Parashat Hachódesh*
 305 Estima pública
 306 Alguns ditos dos nossos sábios sobre a *Parashat Hachódesh*
 307 Um mês que é todo redenção
 308 O começo e o primeiro
 309 Interpretações dos comentaristas sobre *Parashat Hachódesh*
 310 A suspensão da ordem natural
 310 O mês de *Nissán*
 311 Contando *Nissán* como o primeiro mês
 312 Dias de celebração
 312 *Bircát Hailanót* – A bênção das árvores frutíferas
 313 *Bircát Hachamá* – A bênção do Sol
 314 O ciclo solar
 315 1º de *Nissán*
 316 Um Ano-Novo em cinco aspectos
 316 Um jejum para os justos
 317 Uma parábola
 318 Nos dias de Ezrá e Neemias
 319 Alguns costumes praticados nos primeiros dias de *Nissán*
 320 *Maót Chitím (Kimcha Depischa)*
 321 Um costume e sua origem

19. O Grande Shabat

- 323 *Shabat Hagadól*
 324 Comemorando no *Shabat* e não no dia 10 de *Nissán*
 325 Outras razões para o nome de *Shabat Hagadól*
 326 A *haftará* do *Shabat Hagadól*
 327 Outros costumes do *Shabat Hagadól*
 328 10 de *Nissán*
 328 Acontecimentos lembrados para sempre
 329 Seleções do *Midrash* acerca de Miriam
 330 A fonte de Miriam

20. Chamêts e Matsá

- 331 *Biur chamêts* – A eliminação do *chamêts*
- 332 A busca e a anulação do *chamêts*
- 333 Quando fazer *Bedicát chamêts* – a busca do *chamêts*
- 334 A vela para a busca
- 334 Recitação de uma bênção antes da busca
- 335 Como a busca deve ser feita
- 337 Depois da busca
- 338 A venda do *chamêts*
- 339 O *chamêts* e suas proibições
- 340 Cuidados e rigorosidades da proibição de *chamêts*
- 341 Preparando os utensílios para *Pêssach*
- 341 *Matsá shemurá* e *matsá* comum
- 342 Água que tenha pernoitado
- 343 *Matsót* fabricadas manualmente ou maquinamente
- 343 *Kitniót*
- 344 *Matsá* molhada
- 344 *Chamêts* e *matsá* — significados ocultos
- 347 Preparação para a leitura da *Hagadá*

21. Véspera de Pêssach

- 349 14 de *Nissán*, véspera de *Pêssach*
- 349 A reza de *Shacharit* na véspera de *Pêssach*
- 349 O jejum do primogênito
- 351 O jejum dos piedosos
- 351 Trabalho na véspera de *Pêssach*
- 352 A eliminação e anulação do *chamêts*
- 352 *Biur maasserót* – A eliminação dos dízimos
- 353 Um dia destinado para bênçãos
- 354 Bênção e não maldição
- 354 Comidas permitidas e proibidas na véspera de *Pêssach*
- 355 As *matsót mitsvá*
- 356 Um costume baseado na lei
- 358 A recitação da sequência do sacrifício de *Pêssach*
- 359 O sacrifício de *Pêssach* no Templo de Jerusalém
- 360 O relato de uma testemunha ocular

- 361 A santidade de *Pêssach* nos tempos atuais
- 362 *Eruv chatserót*
- 363 *Eruv tavshilín*
- 363 Imersão no *micve*
- 364 Preparação para o *Sêder*

22. A Noite do Sêder

- 365 Costumes dos rabinos
- 365 A hora correta do *Sêder*
- 365 Aprontando o *Sêder*
- 367 *Arvit*
- 368 A noite da festa
- 369 Roupas brancas para o *Sêder*
- 370 O acendimento das velas
- 370 A ordem do *Sêder*
- 371 *Mitsvót* do *sêder* que vigoram atualmente
- 372 Regras para a condução do *Sêder*
- 373 Sinopse do *Sêder*
- 375 O *Kidush*
- 375 A obrigação de recostar-se à esquerda
- 376 Os quatro copos
- 379 Vinho tinto
- 379 A *mitsvá* dos quatro copos não requer bênção
- 380 O quinto copo
- 380 As três *matsót*
- 381 Com grande pressa
- 382 *Marór* e *charósset*
- 384 *Carpás*
- 384 *Corêch*
- 385 O osso e o ovo
- 386 Ovos na água salgada
- 387 O *aficomán*
- 388 Costumes relacionados ao *aficomán*
- 389 A ordem da *hagadá*
- 390 Começar com o depreciável e finalizar com o louvável
- 391 Visão geral da *hagadá*
- 396 A *hagadá* em qualquer idioma

23. Cântico e Acusação

- 397 *Shir Hashirím* – O Cântico dos Cânticos
- 397 A grandeza do Rei Salomão

- 399 A parábola dos amantes
- 400 A leitura do Cântico dos Cânticos na festa de *Pêssach*
- 400 Comentários do *Zôhar* sobre o Cântico dos Cânticos
- 401 Noite protegida
- 402 Quatro noites
- 402 Seleções do *Midrash* acerca dos milagres no Egito
- 411 Perseguições e libelos de sangue
- 413 A inveja dos escravizados
- 413 Os primeiros libelos

24. Pêssach e o Ômer

- 421 A festa de *Pêssach*
- 421 A sequência das preces
- 422 A leitura da Torá em *Pêssach*
- 423 Os trechos da Torá lidos em *Pêssach*
- 424 *Pêssach*: época de julgamento
- 424 Oração pelo orvalho
- 425 *Havdalá*
- 426 A contagem do ômer
- 428 A omissão da bênção de *shehecheiánu*
- 429 As razões das *mitsvót*
- 430 Os sete atributos
- 430 Os sete pastores
- 432 Outros significados ocultos
- 434 A *mitsvá* do ômer
- 436 Seleções do *Midrash* acerca do ômer
- 437 As leis de *chadásh*
- 437 16 de *Nissán*
- 438 *Chol hamoêd*
- 438 *Tefilín* no *chol hamoêd*
- 439 A santidade de *chol hamoêd*

25. O sétimo dia de Pêssach

- 441 O sétimo dia de *Pêssach*
- 441 Breve cronologia dos sete dias de *Pêssach*
- 443 O *Ticun* da sétima noite de *Pêssach*
- 443 A abertura do Mar Vermelho
- 444 Seleções do *Midrash*
- 449 O último dia de *Pêssach*

26. O Final de Nissán

- 451 *Isrú Chag*
- 451 *Pirkê Avót*
- 454 Tristeza e luto no período do ômer
- 455 Os discípulos do Rabi Akiva
- 456 Leis e costumes dos dias do ômer



27. O mês de Iyar

- 461 O mês de *Iyar*
- 461 O *Rosh Chódesh* de *Iyar*
- 461 1º de *Iyar*
- 462 Uma geração ilustre
- 463 Naquele mesmo dia
- 463 Os jejuns de *bahab*
- 463 5 de *Iyar*
- 464 Anos de residência e expectativa
- 464 Este último exílio
- 465 O mundo se surpreende
- 465 Confusão entre os judeus
- 466 Pecados passados e presentes
- 466 Argumentos e contra-argumentos
- 468 Pesando pecados e méritos
- 469 Um governo de descrentes
- 470 *Pêssach Shení*
- 471 O diferencial do sacrifício de *Pêssach*
- 471 “Por que somos considerados deficientes?”
- 471 Resumo das leis de *Pêssach Shení*
- 472 O *Pêssach Shení* do Rei Ezequias
- 472 *Lag Baômer*
- 473 A celebração do Rabi Shimón bar Iochai
- 474 Costumes de *Lag Baômer*
- 474 20 de *Iyar*
- 475 A ordem da viagem
- 475 As bandeiras das tribos
- 476 28 de *Iyar*
- 476 E Deus atacou o acampamento do Egito
- 478 Em defesa do povo de Israel



28. O mês de Siván

- 481 Os nomes do mês
- 481 Leis do mês de *Siván*
- 482 Dias de restrição e abstinência
- 483 A missão do povo de Israel
- 484 Um reino de sacerdotes
- 485 O sétimo dia que é o sexto
- 487 Os nomes da festa
- 487 Um dia de assembleia
- 488 *Atséret* – um único dia
- 488 Israel: o fruto de Deus
- 488 Leis e costumes de *Shavuót*
- 490 *Acdamut*
- 492 *Azharót*
- 492 *A Ketubá*
- 492 Leitura da Torá
- 493 *Taam elión e taam tachtón*: dois modos de entonação
- 493 As oferendas adicionais de *Shavuót*
- 494 Comer laticínios em *Shavuót*
- 494 Por que comemos alimentos lácteos
- 495 Razões do costume de decorar com folhas e ramos
- 495 Outros pratos especiais
- 495 Ensinando Torá às crianças
- 496 O *Ticun* da noite de *Shavuót*
- 496 Seleções do *Midrash* acerca da entrega da Torá
- 499 Nós faremos e ouviremos
- 499 Por que a Torá não foi logo entregue?
- 505 Seleções do *Midrash* acerca dos Dez Mandamentos
- 515 Leitura do Livro de Rute em *Shavuót*

29. Rute e David

- 517 Rute
- 517 Os amonitas e os moavitas não poderão entrar na congregação de Deus

- 519 A bondade de Abraão
- 520 Nos campos de Moav
- 521 Mãe da realeza
- 522 O reino de Judá
- 522 A bondosa Rute
- 523 Sou toda sua
- 524 Por você também me cobrirei com realeza
- 525 David – descendente de Rute
- 526 A canção da Torá
- 527 Nasce Oved, avô de David
- 528 Pobreza e sofrimento
- 530 Um enigma atrás do outro
- 532 Tudo provém de Deus
- 533 Por um fio
- 534 Morar na escuridão por ordem de Deus
- 535 Sofrimento suportado com amor e alegria
- 537 Ele tinha olhos belos e era formoso
- 538 O oitavo filho de Ishái
- 539 A luta interna de Eliav
- 540 Servo de Deus
- 540 Assim como Ishái havia ordenado
- 541 Revelando pouco e ocultando muito
- 541 A voz do ungido de Deus é ouvida
- 542 *Shavuót* – o dia de David

30. Torá e Messorá

- 543 Torá e *messorá*
- 544 O primeiro rolo de Torá
- 544 Deus falava e Moisés escrevia
- 545 A parte oral da Torá Escrita
- 546 *A massóret*
- 547 Divisões e espaçamentos
- 547 Leis adicionais
- 548 Divisões posteriores
- 548 Os cinco Livros da Torá
- 549 *As parshiót*
- 549 *As parshiót petuchót* (abertas) e as *setumót* (fechadas)
- 550 Os versículos da Torá
- 550 Ordem cronológica na Torá
- 550 As letras da Torá
- 552 Os símbolos de entonação e as vogais
- 553 A divisão do *Tanach* em capítulos

31. Bicurím – O Fim do Mês

- 555 A época das primícias
- 556 Um testemunho importante
- 557 O dia das oferendas
- 557 *Parashat Nassó*
- 557 20 de *Siván*
- 558 O libelo de sangue de Blois
- 558 No ano de 5410



32. O mês de Tamuz

- 563 O mês de *Tamuz*
- 563 O jejum de 17 de *Tamuz*
- 564 Cinco calamidades em um mesmo dia
- 564 O 17 de *Tamuz* no deserto
- 566 A restauração da ordem
- 566 A quebra das Tábuas
- 567 Uma oportunidade para quem busca o arrependimento
- 568 A interrupção do sacrifício diário
- 568 O arrombamento das muralhas
- 569 Apostomos queimou a Torá
- 570 Leis de jejum
- 571 As três semanas



33. O mês de Av

- 575 O mês de *Av*
- 575 Quando o mês de *Av* começa
- 577 O *Shabat Chazón*
- 578 A véspera de *Tishá Beav*
- 579 Leis de *Tishá Beav*
- 580 *Arvit*
- 581 *Shacharit*
- 583 *Minchá*
- 583 A noite seguinte

- 584 Comemorando a destruição
- 584 Quem vê as cidades de Judá em ruínas

34. A Geração dos Espiões

- 587 Desgraça em um dia de culpa
- 587 Choro injustificado
- 589 A revelação Divina
- 590 Cara a cara
- 591 O começo do caminho e o fim do caminho
- 591 Enviemos homens antes de nós
- 592 Envie homens
- 592 Temor no coração
- 593 O palácio do Rei
- 594 Uma época de choro para todas as gerações
- 595 As repercussões do decreto
- 595 *Tishá Beav* no deserto

35. A Destruição

- 597 A destruição do primeiro Templo de Jerusalém
- 598 Seleções do *Midrash* acerca da destruição dos Templos
- 603 Deus descarregou a Sua ira
- 604 A segunda destruição e a queda de Betar
- 611 A destruição de Tur Malcá
- 612 A queda de Betar
- 616 A santidade duradoura do Monte do Templo
- 617 Por que os Templos foram destruídos?
- 617 A partir da destruição
- 618 A expulsão da Espanha
- 618 O começo da calamidade
- 619 O primeiro decreto de conversão forçada
- 620 A Idade de Ouro
- 620 A volta da escuridão
- 620 Conversão forçada e aniquilação
- 621 Os “marranos”
- 622 A Inquisição
- 622 O édito de expulsão
- 623 A piedade do cruel
- 624 Na sequência da proclamação do édito
- 625 Com cânticos e louvores
- 625 As tribulações dos exilados

36. A Consolação

- 627 O *Shabat Nachamú*
- 628 Sete consolos para Jerusalém
- 628 Um consolo duplo
- 629 Jerusalém no futuro
- 629 A Terra de Israel no futuro
- 630 As pegadas dos peregrinos
- 630 Os malvados não terão paz
- 631 A revelação da luz do *Mashíach*
- 632 Pelo mérito da Torá

37. O Fim do Mês

- 633 15 de *Av*
- 633 A geração do deserto parou de morrer
- 634 As proibições de matrimônios intertribais e de matrimônios com integrantes da tribo de Benjamim foram rescindidas
- 635 Como no *Iom Kipur*
- 637 Oseias, filho de Elá, removeu os bloqueios
- 638 Quando o corte de lenha para o Altar era encerrado
- 638 Os ladrões de pilão e os ladrões de figos secos
- 639 Quem aumenta os seus estudos de Torá aumenta a sua vida
- 639 Os mártires de Betar foram sepultados
- 640 Fim do ano de plantio
- 640 Começo dos dias de julgamento
- 640 18 de *Av*



38. O mês de Elul

- 643 O mês de *Elul*
- 643 Período de reconciliação
- 644 Alusões ao mês de *Elul*
- 644 O *shofar*
- 645 Costumes do mês de *Elul*
- 645 A morte dos espiões
- 646 25 de *Elul*
- 646 A construção da muralha
- 646 *Selichót*
- 648 Arrependimento – um ato de benevolência Divina
- 648 Os fundamentos do arrependimento
- 649 Na véspera de *Rosh Hashaná*
- 649 Ganhar o mundo em um único instante
- 650 O arrependimento dos justos
- 650 O fim do ano para o dízimo dos animais
- 651 O fim do ano para os dízimos dos vegetais e para a *shemitá*
- 651 *Hatarat nedarím*: anulação de promessas na véspera de *Rosh Hashaná*

תשרי



TISHREI

1. ROSH HASHANÁ

O mês de Tishrei

Esse mês possui três denominações:

1. *Hachódesh hashevií* – “o sétimo mês” (Levítico 23:24);
2. *Iêrach haetaním* – “o mês dos poderosos” (1 Reis 8:2);
3. *Tishrei* – o nome que passou a ser usado após o exílio babilônico.

A Torá sempre chama o mês de *Tishrei* de “o sétimo mês” porque ele é o sétimo da contagem dos meses que começa com *Nissán*.

Os nossos sábios declararam: *Col hasheviín chavivín* – “Todos os sétimos são queridos no Alto”. A tradição judaica atribui valor e significado especiais ao “sétimo”, pois Deus unificou o Seu nome a ele, escolhendo-o para consagrá-lo. Na contagem das gerações, a sétima geração a partir de Adão foi a predileta por ter sido a geração de Enoque [Chanoch], sobre o qual o versículo (Gênesis 5:22) declara: “E Enoque andou com Deus.” Dentre nossos ancestrais, o sétimo foi o mais estimado, pois Moisés foi a sétima geração a contar de Abraão, e a respeito dele o versículo (Êxodo 19:20) declara: “E Moisés subiu até Deus.” Dentre os filhos de Ishái [Jessé], o sétimo – David – foi o mais amado. Dentre os reis, Assá – que reinou após Saul, Mefibóshet, David, Salomão, Roboão [Rechavam] e Aviá – foi o mais valorizado, pois o versículo (2 Crônicas 14:10) declara: “E Assá clamou ao Eterno, seu Deus” [e foi atendido mais rapidamente do que os seus antecessores].

O “sétimo” também consagra o tempo, conforme consta (Gênesis 2:3): “E Deus abençoou o sétimo dia”; o sétimo ano – *shemitá* – é sagrado; e sete ciclos de sete anos são coroados por um ano de *iovêl* (jubileu). E dentre os meses, o sétimo – *Tishrei* – é o mais valioso (*Ialcut Shimoní, Itró 276*).

Nesse mês incidem mais *mitsvót* (preceitos) do que em qualquer outro; nenhum outro mês é tão repleto de festas e ritos. Na Terra de Israel, a época da colheita ocorre em *Tishrei*, quando o povo judeu testemunha a recompensa material com que Deus o abençoa. Os nossos sábios observam que essas qualidades de *Tishrei*, “o sétimo mês”, são depreendidas pela similaridade entre os termos *shéva* (sete) e *sóva* (saciedade e abundância).

Nos escritos dos profetas, o mês de *Tishrei* é referido como *Iêrach haetaním* – “o mês dos poderosos” – conforme o versículo (1 Reis 8:2) declara: “E todos os homens de Israel se reuniram ao Rei Salomão por ocasião da festa, em *Iêrach haetaním*, que é o sétimo mês.” Os nossos sábios explicaram que o mês foi chamado de *Iêrach haetaním* devido ao fato de os patriarcas Abraão, Isaac e Jacob, os pilares fundamentais do mundo, terem todos nascido durante o mês de *Tishrei*.

O 1º de Tishrei

Embora *Tishrei* seja o sétimo mês, na ordem atual ele é considerado o primeiro mês do calendário judaico. Aprendemos na *Mishná* (*Rosh Hashaná* 1:1):

[O dia] 1º de Tishrei é Ano-Novo para [calcular] os anos, o ciclo de shemitá e de iovêl, para o plantio [de árvores] e para os produtos agrícolas.

Para [calcular o] ciclo de shemitá e de iovêl – Com o início do mês de *Tishrei* em um ano de *shemitá* ou de *iovêl* fica proibido pela Torá arar ou plantar [na Terra de Israel].

Para o plantio [de árvores] – O produto de uma árvore frutífera é proibido como *orlá* durante os primeiros três anos após o plantio da árvore. A fruta que crescer no quarto ano é chamada de *neta revai*. Nos tempos do *Bet Hamicdâsh* (Templo de Jerusalém), ela devia ser consumida dentro da cidade de Jerusalém ou trocada por dinheiro a ser usado na compra de alimentos que fossem consumidos em Jerusalém. Atualmente, a fruta é redimida, pois tem as mesmas leis que um *maassêr shení* (segundo dízimo). Para a árvore plantada mais de 44 dias antes de 1º de *Tishrei*, esse dia marca o começo do segundo ano de vida dela para o cálculo de *orlá* e *neta revai*. Mas para a árvore plantada menos de 44 dias antes do 1º de *Tishrei*, o período transcorrido até *Tishrei* não é considerado um ano. Trinta dias de um ano, e não menos, são considerados um ano com relação a isso; sendo assim, são necessários outros 14 dias para que a árvore crie raízes e fique bem arraigada na terra (vide “O dia 15 de Av”).

Para os produtos agrícolas – O dia 1º de *Tishrei* é considerado o começo do ano no que diz respeito às *terumót* – as primeiras porções das safras que devem ser separadas e dadas para um *cohen* (sacerdote) – e *maasrót* – os dízimos que devem ser separados e dados para um *levi* (levita) – da produção agrícola. O dízimo da produção de um ano não pode servir para cumprir a obrigação do ano anterior ou posterior. Portanto, é preciso retirar separadamente as *terumót* e *maasrót* da produção colhida antes do dia 1º de *Tishrei*, e não junto do produto colhido após o dia 1º de *Tishrei*.

Dia de ocultação

Rosh Hashaná – o dia 1º de *Tishrei* – é chamado nas Escrituras de “Dia de ocultação”, conforme o versículo (Salmos 81:4) declara: “Soprai o *shofar* na lua nova ‘*bakésse*’ – no tempo fixado – como dia da nossa festa.”

Tudo o que diz respeito ao dia de *Rosh Hashaná* possui um componente de ocultação. O Talmud (*Betsá* 16b) diz: “Soprai o *shofar* para marcar a lua nova ‘*bakésse*’ – na época da ocultação. Que festa ocorre quando a lua nova ainda se encontra oculta? *Rosh Hashaná*. Todas as outras festas caem em dias de Lua cheia ou ao redor desses dias, ao passo que *Rosh Hashaná* cai quando a Lua está oculta. [Qual é o significado disso?] O povo judeu é comparado à Lua, que nas festas fica radiante... mas que no *Rosh Hashaná* diminui de esplendor e oculta a sua grandeza por temer o dia do julgamento. Da mesma maneira, Deus oculta os pecados do povo judeu e lhe concede perdão” (*Pessicta Rabatí* 40).

O próprio caráter de dia de julgamento de 1º de *Tishrei* também está oculto, pois não está mencionado explicitamente na Torá. Isso vem ensinar que o homem deve se preocupar com os seus pecados durante todo o ano, e não postergar o seu arrependimento para *Rosh Hashaná*.

Esse componente de ocultação encontra expressão também em nosso costume de não recitar a bênção do novo mês no *Shabat* anterior ao dia 1º de *Tishrei*. A razão desse costume é ocultar do Satã a chegada do dia do julgamento, a fim de que ele não acuse o povo de Israel pelos pecados cometidos.

Dia de começos

No dia 1º de *Tishrei* Deus criou o homem, completando todos os atos da Criação, segundo a opinião do Rabi Eliezer (*Rosh Hashaná* 11a), que considera que o mundo foi criado no mês de *Tishrei*.

Segundo o Rabi Eliezer, todos os patriarcas do povo judeu – que representam o começo do mundo depois dos pecados das gerações anteriores – nasceram no mês de *Tishrei*.

Em *Rosh Hashaná*, Sara, Rachel e Ana (Chaná), que eram estéreis, foram lembradas por Deus, com a promessa de filhos.

Em *Rosh Hashaná*, José foi libertado da prisão egípcia, onde havia permanecido durante 12 anos, e a partir de então a sua luz começou a brilhar.

Em *Rosh Hashaná*, a escravidão de nossos antepassados no Egito chegou ao fim e a redenção começou.

Em *Rosh Hashaná*, Adão foi criado. Na primeira hora do dia, Deus pensou em criar o homem. Na segunda hora, Ele consultou os anjos ministradores. Na terceira, Ele juntou o pó a partir do qual formaria o homem. Na quarta, Ele o preparou. Na quinta, Ele o formou. Na sexta, Ele pôs o homem em pé. Na sétima, Ele inseriu uma alma dentro dele. Na oitava, Ele levou-o ao Jardim do Éden (Paraíso). Na nona, Ele proibiu comer da árvore do conhecimento. Na décima, o homem desobedeceu esse mandamento. Na décima primeira, ele foi julgado. Na décima segunda hora, Deus o perdoou. Deus lhe disse: “És um sinal para os teus filhos. Assim como foste trazido diante de Mim para ser julgado e acabaste perdoado, do mesmo modo os teus filhos estão destinados a se apresentarem diante de Mim para serem julgados, e também serão perdoados” (*Pessicta Derav Cahana*).

Os dois dias de Rosh Hashaná

O *Rosh Hashaná* é observado como uma festa de dois dias, em 1º e 2 de *Tishrei*, embora a Torá ordene a observância de apenas um dia, conforme o versículo (Levítico 23:24) declara: “No sétimo mês, o primeiro dia do mês será para vós descanso solene, memorial de toque de *shofar*, convocação de santidade.” O primeiro dia de *Rosh Hashaná* só pode coincidir com os seguintes dias da semana: segunda-feira, terça, quinta ou sábado. Essa norma é uma preceituação dos nossos sábios, para que o *Iom Kipur* não acabe caindo na sexta-feira ou no domingo, nem *Hoshaná Rabá* no *Shabat*.

O Talmud de Jerusalém (*Eruvín* 3:9) assinala que a celebração de *Rosh Hashaná* durante dois dias foi instituída pelos primeiros profetas pelo seguinte motivo: Na época dos profetas, a consagração dos meses dependia do depoimento de testemunhas que tivessem avistado a lua nova. Na noite seguinte ao dia 29 do mês de *Elul*, o tribunal consagrava esse dia como 1º de *Tishrei*, baseando-se na possibilidade de que as testemunhas chegassem nesse dia e declarassem ter avistado a lua nova, estabelecendo retroativamente o *Rosh Hashaná* nesse dia. Se as testemunhas de fato aparecessem, esse dia era consagrado, e o dia seguinte – 2 de *Tishrei* – passava a ser um dia normal. Mas se elas não aparecessem, então o dia seguinte era *Rosh Hashaná* e, retroativamente, o dia anterior – que o tribunal havia consagrado – passava a ser um dia de semana comum. Para evitar que as pessoas desvalorizassem o primeiro dia – já que a condição de dia consagrado ou de dia comum dependia da chegada de testemunhas –, os primeiros profetas decretaram que *Rosh Hashaná* fosse celebrado durante dois dias e que a proibição de fazer trabalho, a obrigação de tocar o *shofar* e a recitação de orações festivas fossem observadas em ambos os dias.

Os dois dias de celebração de *Rosh Hashaná* são chamados de *ioma arichta* (um dia prolongado); ou seja, as 48 horas de observância de *Rosh Hashaná* são consideradas um único dia estendido. Ambos os dias são definitivamente santificados [diferentemente do segundo dia das festas celebrado fora da Terra de Israel]. Mas quanto à preparação de comida de um dia para o outro, eles são considerados dois dias separados. Assim, não se pode preparar comida no primeiro dia com o intuito de consumi-la no segundo.

O *Rambam* (Maimônides) escreve (Leis de *Kidush Hachódesh* 5:7-8):

A festa de Rosh Hashaná – na época em que [o calendário] era estabelecido com base em testemunhos – era celebrada durante dois dias pela maioria dos habitantes da Terra de Israel, porque eles tinham dúvida [quanto ao início da festa]; eles não tinham como saber que dia havia sido fixado pelo tribunal como novo mês, já que os agentes do tribunal não viajavam nos dias festivos. [Ou seja, uma vez que Rosh Hashaná é a única festa celebrada no primeiro dia do mês, não havia como informar aos que viviam fora de Jerusalém que o tribunal havia reconhecido o testemunho que estabelecia que a lua nova de Tishrei fora vista. Assim que o mês era determinado, Rosh Hashaná já começara e os agentes do tribunal não tinham como informar o povo por não poderem viajar num dia festivo].

Além disso, até em Jerusalém, sede do tribunal, geralmente eram celebrados dois dias de Rosh Hashaná. [Mesmo] se as testemunhas não aparecessem em nenhum momento no decorrer do dia 30 [ou seja, 30 dias depois da lua nova de Elul, quando a lua nova de Tishrei já deveria ter sido vista], o dia no qual as testemunhas eram esperadas era consagrado [como Rosh Hashaná]. Se elas aparecessem durante o dia, o tribunal tinha que estabelecê-lo retroativamente como Rosh Hashaná. Por não ser improvável que as testemunhas aparecessem efetivamente durante o dia, já que aquele era o 30º dia após a lua nova de Elul, o tribunal o consagrava como Rosh Hashaná antes mesmo que aparecessem. Se o tribunal não agisse assim e permanecesse à espera das testemunhas, e elas aparecessem no final da manhã do dia 30, Rosh Hashaná seria decretado naquele mesmo dia e as pessoas ficariam retroativamente culpadas por violar a santidade do dia. O dia seguinte também era consagrado [se as testemunhas não aparecessem até então]. Portanto, já que eles celebravam dois dias de Rosh Hashaná até na época em que os meses eram consagrados com base no depoimento de testemunhas, foi decretado que, agora, todos os judeus – até aqueles que residem na Terra de Israel – deveriam celebrar dois dias de Rosh Hashaná, uma vez que o calendário passou a ser baseado em cálculos precisos. Vemos, portanto, que a celebração do segundo dia de Rosh Hashaná hoje em dia também é uma regulamentação estabelecida pelos sábios [similar ao segundo dia das festas que se celebra fora da Terra de Israel].

Qual é então a diferença entre o segundo dia de *Rosh Hashaná*, que se celebrava quando o cálculo dos meses era feito com base em testemunhos, e o segundo dia que é celebrado hoje em dia? Nas épocas antigas, se as testemunhas não aparecessem, o primeiro dia celebrado como *Rosh Hashaná* se tornava retroativamente uma obrigação rabínica, e o segundo dia, uma obrigação bíblica. Na época atual, quando o calendário segue cálculos fixos, o primeiro dia de *Rosh Hashaná* é uma obrigação bíblica e o segundo dia é um decreto rabínico.

O dia do julgamento

Rosh Hashaná é o Dia do Julgamento para toda a humanidade. Nesse dia, o homem é julgado por todas as suas ações, e o que virá a acontecer durante o ano vindouro é registrado. O Talmud (*Rosh Hashaná* 8a) depreende isso do versículo (Deuteronômio 11:12) que declara: “Os olhos do Eterno, teu Deus, estão sempre sobre ela [sobre a Terra de Israel], do princípio do ano até o fim do ano” – ou seja, no *Rosh Hashaná* o mundo é julgado quanto ao que virá a acontecer ao longo do ano.

Os nossos sábios disseram:

No Rosh Hashaná, toda a humanidade passa diante Dele como um rebanho de ovelhas. Passam por Ele um por vez, um atrás do outro, mas Ele esquadrinha a todos com uma única olhada. Assim, o versículo (Salmos 33:15) declara: “Ele analisa os corações de todos e perscruta todas as suas obras”; Deus, que é o Criador, [com uma única olhada] vê todos os corações da humanidade juntos e compreende todos os seus atos.

O Rabi Cruspedai disse em nome do Rabi Iochanán que, no Rosh Hashaná, são abertos três livros contábeis: um para as pessoas completamente malvadas, um para as pessoas completamente justas e um para as pessoas medianas. As completamente justas são inscritas e seladas imediatamente para a vida. As completamente malvadas são inscritas e seladas imediatamente para a morte. O destino das medianas permanece pendente até o Iom Kipur. Se elas merecerem [ou seja, se ficarem arrependidas], serão inscritas para a vida; caso contrário [ou seja, se não se arrependerem], serão inscritas para a morte (ibid. 16a-b).

O *Rosh Hashaná* foi decretado como dia do julgamento por dois motivos: Primeiro porque, nesse dia, a Criação do mundo foi completada – e como a intenção Divina foi de que o mundo fosse governado pela característica de justiça rigorosa, o início do ano foi instituído como dia do julgamento.

O segundo motivo é que, como vimos anteriormente, nesse dia Adão foi julgado, se arrependeu e foi perdoado.

Esses dois motivos encontram-se insinuados na reza de *Mussáf* de *Rosh Hashaná*, onde recitamos: “Pois fixaste tempo de lembrar e recordar todo espírito e toda alma, e serão recordadas as numerosas ações e infinitas multidões de criaturas. Desde o princípio assim estabeleceste e de outrora o revelaste; o dia de hoje é o dia do começo da Tua Criação, é uma lembrança do primeiro dia” – uma lembrança do primeiro dia do mundo completamente criado e do primeiro dia do julgamento.

Os nossos sábios disseram: “Veja só como os caminhos de Deus diferem dos caminhos do homem. Quando o homem julga um amigo querido, ele age com leveza, com o intuito de tratá-lo com misericórdia; e quando julga um inimigo, ele age com dureza, a fim de cobrar justiça rigorosa. Mas Deus não age dessa maneira. No mês de *Tishrei*, Ele julga a todos – inclusive aqueles que violam os Seus preceitos – apenas com boa vontade. E as numerosas festas e *mitsvót* do mês de *Tishrei* renovam a afinidade existente entre Ele e Suas criaturas. Durante esse mês de conciliação, Deus recebe as rezas e o arrependimento do homem e o julga com piedade.”

Pesando os pecados e os méritos

Nas *Leis de Teshuvá* (3:1-3), o *Rambam* (Maimônides) nos ensina que todo homem possui tanto pecados quanto méritos. Quem possui mais méritos do que transgressões é considerado